

*proletarios de todos os países: Uni-vos!*

**0** JULHO **0**  
**1936**

**F** N.º 7

**SÉRIE 1.ª**  
**ANO 1.ª**

1034

GES  
PCP

**0** REVISTA TEÓRICA  
DA CÉLULA COMUNISTA  
DA FORTALEZA  
DE PENICHE

Ano I<sup>o</sup> Série I  
Julho n<sup>o</sup> 7

GES  
PCE

# O FOGO

# MARXISMO

# E LUTAS DE CLASSES

**A** chamada luta de classes distintas, separando-as, luta entre patrícios e plebeus, nobres e servos, etc. quer dizer, entre oprimidos e opressores enche com páginas de sangue toda a história universal, onde bebemos riquíssimos ensinamentos. Sem estes, teria sido impossível chegarmos a uma concepção profunda das lutas revolucionárias, no sentido amplo da palavra, herdada com o sacrifício dos nossos antepassados.

Milhões e milhões de oprimidos foram martirizados em prol da humanidade explorada contra a classe exploradora. Insurreições aqui, levantamentos ali, exacerbaram os antagonismos entre estas duas classes distintas, separando-as, cada vez mais, a ponto de se tornar praticamente impossível concilia-las.

Determinar porém o carácter amplo destas lutas, foi durante muito tempo tarefa difícil, embora historiadores e pensadores tivessem demonstrado o papel desempenhado pelas classes, nas transformações sociais. Quasi todos os historiadores ocultavam o verdadeiro sentido da luta quando dela falavam; deturpavam-na.

Marx foi todavia, o primeiro que compreendeu esta luta na sua profundidade fazendo dela um dos mais firmes elementos do pensamento político e contemporâneo.

neo social. Ele deitou abaixo todos os conceitos utópicos de Saint-Simon, Fourier, Owen e Proudhon, pondo a claro toda a teoria da luta de classes.

condições. Este antagonismo, conduz à constituição de sindicatos que têm a sua base na luta de classes."

"Entre essas duas classes, diz Marx, existem antagonismos profundos e inconciliáveis, que os conduzem inevitavelmente a lutar. Estes antagonismos são antes de tudo de ordem económica. Os salarizados, como possuidores da força de trabalho, esforçam-se por vender-la tão cara quanto possível, enquanto que os possuidores do capital se esforçam por comprá-lo pelo menor preço possível, isto é, pagar um salário, tão baixo quanto possível. Este antagonismo assemelha-se em aparência ao que opõe o comprador ao vendedor, mas, em realidade, a diferença é muito grande, porque o vendedor da força de trabalho está condenado a morrer de fome se não vender a sua mercadoria. O possuidor dos meios de produção está, pois, em condições de reduzir à fome o possuidor da força de trabalho, se este não aumentá as suas

Porém, só pode haver luta de classes seria dentro da linha revolucionária de marcada pelo Marxismo, como nos prova a Revolução Russa.

Sem o isolamento da social-democracia que dominava os camponeses, teria sido impossível assaltar o poder, não só porque estas seriam conduzidas à derrota, mas também porque a tática dos partidos liberais está afastada da luta de classes. É incontestável que foi precisamente por ter tomado como base esta questão que o partido Comunista Russo agrupou as grandes massas da população em torno da vanguarda do proletariado.

O marxismo cujo método ou conjunto de métodos permite estudar todos os fenômenos sociais, tem as suas razões na concepção materialista da história.

# ANO QUINQUENAL

GE  
PC



A medida que as forças capitalistas vão perbendo terreno e navegando no mar tumultuoso da crise do lado contrario, as hostes produtoras, assoladas pelas consequências da vida económica financeira, esmagadas pelo feroz terror branco, reforçam a sua actividade combativa e a sua energia revolucionária procurando sacudir vio lentamente o jugo escravizante do capital.

Ninguém hoje duvida, mesmo os que actualmente ainda não foram sacudidos pela onda de rebelião internacional, que atravessamos um periodo histórico dos mais criticos, pelas forças que em renhida peleja não depõe as armas senão depois dum longo esforço do proletariado, unido num homogéneo bloco.

Fraivosamente entrinchei-

redutos onde forças mercenárias os defendem, os capitalistas atacam com ódio rasputiniano os reduzidos salários dos que sustentam a sociedade, reduzindo à fome, lançando para o roubo ou para a prostituição entes juvenis sacrificados aos seus instintos de animais ferozes.

Perante a vitória sem sombras confusas do proletariado russo, guindado ao poder e senhor da sexta parte do globo, o Mundo capitalista sentiu estremecer os seus alicerces e contra ele se lançou quer com uma força armada quer por intermédio dos seus lacaios disfarçados de mercadores e intelectuais.

A calúnia, arma terrível de que os fracos se servem para combater cobardemente os que de outra maneira não conseguem vencer, tem sido o meio pelo qual a burguesia internacional tem procurado des-

prestigiar a União Soviética. Tem-se forjado agências e comités de carácter mundial, compram-se os melhores jornais que estejam dispostos a vomitar sobre o país que é hoje o orgulho das massas produtoras, o maior número de falsidades e de bem engendradas mentiras.

As grandes obras levadas a efeito no país dos Soviets, são combatidas para que o proletariado que vive esmagado pelo fascismo se não revolte, dos mais horripáveis fracassos.

Um caminho de ferro construído por técnicos competentes, uma fábrica gigante levantada num bairro moderno de Moscovo ou nas margens de Denieper são "gigantes" feitos de papel que o próprio vento derruba e que não tardam em desaparecer.

Ho serem lançadas as bases do 1º Plano Quinquenal Russo, uma onda de espanto e ao mesmo tempo de receio da parte do mundo capitalista, veio ser traduzido na sua imprensa, nos seus apúsculos de combate, nas suas conversas diárias com os amigos e com os servos.

Dum lado havia os que julgam simples utopia essa obra

que os "falhados" de Moscovo tinham transplantado para o país, e que nem sequer poderiam iniciar.

Mas outro sector havia que de seioso de desforra, compreendendo que a Rússia não era apenas a Mancha Verde perdida numa extensão imensa lá para os confins da Sibéria, procurava esmagar sem hesitações a obra que estavam convencidos se iria realizar. O seu petróleo, as suas minas de ouro, de ferro, de hulha, o seu trigo, a sua cultura diversa, eram o incentivo para aquela sede de conquista que o saque e a destruição acompanhariam.

Ho mesmo tempo aquele Oriente confuso já não seria estrela de imenso brilho que vista de todos os pontos do mundo serviria de guia aos povos esmagados pelo seu poder.

Marchando de conquista em conquista e de vitória em vitória o proletariado Russo desde 1917 passando pela fase sangrenta da guerra civil que esgotou e economicamente o país, procurou sempre fazer da nação mais atrasada da Europa, antes da sua subida ao poder um vasto campo de actividade industrial e agrícola, acompanhada dum razoável pro

gresso cultural que assim ergu-se ergueram por toda a par-  
te material e espiritualmente esse te nas fabricações de indústrias tex-  
glorioso proletariado Russo. teis, de tractores, de automóveis, de

País sem técnica, atraxadissi aeroplanos, dos meios de trans-  
mo sob todos os pontos de vista, partes indispensáveis para o de-  
teatro amplo dum classe disso senvolvimento económico.  
luta e rebelde pelos seus exageros O tractor representou como  
vivendo do roubo e da esenavidão todo o maquinismo papel na  
das massas produtoras, só pode colectivização da terra, pois só  
ria chegar a este admirável de- assim se compreende uma edi-  
senvolvimento com o esforço e a ficação socialista.  
tenacidade dos antigos servos da Os pequenos proprietários  
autoerancia eslava. começaram juntando as suas

Foi por isso que, normalizada a pareclas agrícolas na consti-  
luta com a contra-revolução, diri- tuição de Kolkoses que, de mês  
zida a economia pelo proletaria para mês, aumentavam.

do, ciente este da caos em que se en E de tal maneira o entusias-  
contra a nação, se elaboraram mo entre os operários progrediu.  
planos de reconstrução económica que que em quatro anos com um  
trariam as mais imediatas necessidades. ritmo verdadeiramente bolche

A par dos planos anuais que de vique, as realizações trans-  
ram óptimos resultados, planos mais plantadas para um plano de  
largos se começaram a realizar. Du- de cinco, foi finalizado.

durante vários anos evidou-se dos tra- Vitórias nunca atingidas nos  
balhos preliminares indispensáveis para países capitalistas foram reali-  
a realização do Primeiro Plano Quin- zadas no campo industrial, agri-  
quenal que se iniciou em 1928 com a cola, nas condições de vida dos o-  
ampla participação das massas pro- perários, dos camponeses, no domínio  
ductoras. do aumento da circulação de

Uma técnica proletária viria dar mercadorias entre a cidade e o  
à Rússia a base segura para todo o campo, no combate às sobrevi-  
desenvolvimento industrial que colo vências das classes inimigas.

caria a sua produção à altura das A tarefa do Plano Quin-  
necessidades dos seus habitantes. quenal na agricultura con-

E assim foi. Fábricas mons- sistia na transformação da

União Soviética dum país re- tardário de pequena proprie- dade camponesa, num país de grande agricultura, orga- nizada sobre a base do tra- balho coletivo e entregando a maior quantidade de produ- tos agrícolas.

Num prazo de três anos or- ganizaram mais 200.000 Kol- koses e cerca de 5.000 Sovko- ses para a criação de cereais e cria de gados, tendo aumen- tado em quatro anos, em 21 milhões de superfície culti- vada.

Enquanto nos Estados- Unidos, Itália, România, Bul- gária, Canadá, Alemanha, Hungria, Portugal etc. a super- ficie da cultura diminui assu- tadoramente no país onde se constrói o socialismo, a produ- ção aumenta em todos os sentidos.

Na U. R. S. S. o volume de produção industrial subiu em 1932, a 334% do nível de antes da guerra, a produção industrial dos Estados- Unidos, desceu du- rante o mesmo período a 84%, a da Alemanha a 60%. Enquanto que a produção industrial subiu em 1932, a 219% em relação a 1928, a produção industrial dos Estados

Unidos reduziu-se durante o mesmo período a 56%, a da In- glaterra a 80% a da Alemanha a 55%, e a da Polónia a 54%.

Na União Soviética, no decur- so do Primeiro Plano Quingue- nal, sem que se esperasse, desapare- ceu completamente o desemprego enquanto nos "paraísos" fascistas a onda dos que não têm trabalho aumenta de dia para dia.

Formidável quantidade de productos apodrecem nos arma- zens enquanto milhares de desem- pregados morrem de fome ou se tu- berculizam. Dum lado o luxo de- senheado da burguesia com toda a sua senda de crimes, de outro o Proletariado esmagado pela maior exploração. Na União Soviética o camponês, o operário, que tem ho- je uma vida feliz, gozam livre- mente o esforço do seu braço e da sua tenacidade combativa.

Hoje, o camponês tem uma posição assegurada na sua "Kolkose" dispondo de tratores, de máquinas agrícolas, de sementes e reservas.

Esta edificação industrial e agrícola, o aumento de produção, veio favorecer os operários e os cam- poneses, consolidando a sua cons- ciência de classe e combaten- do com tenacidade as últimas sobrevivências das classes inimigas.

# Imperialismo



"imperialismo - disse Lênine - é a última etapa do capitalismo". Uma rápida análise a esta forma governamental da alta finança, dá-nos bem a

certeza que a burguesia se debate atualmente numa crise aguda e numa desenfreada manifestação de terror que é a tradução verdadeira do seu estado económico, e, por meio da qual procura cortar o caminho às forças, cada vez mais fortes, do anti-imperialismo.

Apertada pelo círculo estreito de mercados reduzidos, sem matérias primas para a realização dos seus planos, a burguesia lançou-se nos fins do século XIX na chamada expansão colonial.

As duas últimas nações que chegaram a ocupar o seu "lugar ao sol" foram a Alemanha e a Itália.

A primeira, desagrada, sem uma unidade política, só conseguiu formar-se debaixo dum única direcção depois da guerra com a França em 1870 e ante o perigo dum desforra da parte deste país.

Lançou-se depois na colonização, não logrando senão pequenas parcelas territoriais na região tropical da África.

A Itália, até ao século XIX dividida em estados rivais ou debaixo do domínio doutras nações, não tinha conseguido a unidade forte dum bom estado burguês, imprescindível para o desenvolvimento económico.

Foram Cavour e Garibaldi os dois vultos primordiais da unificação, juntamente com Victor Manuel I.

A política expansionista seguiu depois o seu rumo "natural" que não alcançou o objectivo esperado pela burguesia deste país. A África estava tomada pelas potên-



eias imperialistas da Europa que em primeiro lugar tinham chegado.

Havia ainda ao Norte da Africa a Tunísia, a quem a França perante este gesto imperialista, transformou em protectorado. Perdida a esperança, a Itália lança-se na primeira luta contra a Abissínia, da qual obteve por conquista a Eritreia e as derrotas de Makale'e H-duá, cuja "desforra" procurou ultimamente. Em 1911 adquire, depois duma sangrenta luta com a Turquia, a Tripolitânia, formando uma nova colónia, que dada a sua situação é pouco produtiva e portanto quasi imprópria para os desejos imperialistas da Itália. Antes de reventar a guerra, este país havia formado uma aliança com a Alemanha e a Austria para fazer face à formada pela França, Rússia e Inglaterra.

Os prometimentos coloniais destes três últimos países levaram a Itália a desligar-se da Entente e a combater com eles contra a Alemanha.

Deste acôrdo e dos resultados favoráveis da grande guerra para a França

e a Inglaterra, recebeu territórios a Oeste do rio Jubb, Somália, nos confins da Cirenaica com o Egipto. Obteve também certos territórios nos confins saharenses, junto da Libia.

Isto porém nada representa para a grande necessidade de matérias primas da Itália e para a conquista de novos mercados.

Cercada pela forte mas desorganizada corrente proletária, com um governo que estava longe da defesa dos seus interesses, a burguesia apelou para o fascismo que tinha como chefe Benito Mussolini, antigo componente do Partido Socialista e vilmente vendido à Reacção.

Uma época feroz de represões sangrentas que foi a consequência duma revolução proletária sem direcção segura, fez desaparecer na morte os melhores militantes operários e as figuras mais destacadas do movimento liberal.

As prisões encheram-se, fuzilamentos sem julgamento foram realizados, como actualmente a estão sendo.

E a situação em Itália continuava sendo cada vez

mais terrível. O desemprego aumentava, a falta de mercedos era cada vez mais e o terror fascista ia seguindo, como se que hoje, o seu caminho de "revanche".

**GES**  
**PCP** A burguesia, numa situação crítica e resultante da política post-guerra, procurava uma saída, um caminho que a levasse para fora daquele abismo económico.

Só a conquista e só a guerra, podiam temporariamente modificar aquele estado de coisas.

A Abissínia, país de antigas tradições que a própria Itália arrastara até à 5. das Nações, tem carvão, é rica em petróleo, possui metais, e magníficas regiões para o cultivo

de algodão, existe nela café e cereais sobretudo é um país débil e de fácil acesso à conquista imperialista.

O conflito de Val-Ual foi a faísca que puxou fogo a esse "imenso laboratório" a "razão" que deu à Itália o motivo do mais desumano saque e da mais repelentia das conquistas.

Foi mais um país vivendo em paz e livremente caindo nas mãos dos "civilizadores" imperialistas que iniciaram essa civilização com o tiro de canhão espalhando metralla e o bombardeamento aéreo de aldeias indefesas, onde habitavam mulheres e crianças que morreram carbonizadas.

## N O R I E N T E



queim nos dirá que é por causa dessas múltiplas dissenções internas que o governo de Chang-Kay-Check não se opõe ao expansionismo nipónico, Mas não!

Conquanto o governo de Nan

quim lance aos quatro ventos o seu nacionalismo, muito discutível porém; do que nós constatamos de lá muito, é que esse governo tendo por chefe Tipo mais completo de renegado - Chang-Kay-Check não faz senão vergar a cerviz às imposições japonesas, enquanto as forças

chamadas internacionalistas e bárbaras, não deixam de apelar e construir a união de todos os chineses para se oporem ao invasor.

Quem é nesse país o verdadeiro exército nacionalista? O de Nankim que nada mais faz que recuar cobardemente ante as imposições japonesas, ou o Exército Vermelho Chinês, que com sacrifício de vidas e haveres se opõe tenazmente à desagregação da mais leve partícula do território nacional, em proveito do usurpador?

Desta vez porém, os traidores não só têm a contar com a oposição das forças comunistas, como também com as de todo o Sul do país, inclusive Cantão. E Cantão, camaradas, não fica longe de Macau onde a ideia de emancipação já há muito vive no peito dos seus naturais.

Hoje que na imensa China, novamente, tudo se apresenta para um novo período de lutas intestinas, não é descabido analisarmos na nossa pequena revista, aquilo que levou e leva a constantes lutas.

Vítimas das ambições imperialistas de vários países, tem este desgraçado povo sido constantemente delibinado em proveito delas.

Desde a Revolução conhecida na história, pela dos "boxers", para cá a rapinagem acentuada tem-se assustadoramente, e de tal forma violenta que se não fossem os próprios imperialismos entrechocarem-se na disputa da presa, já há muito esta nação estaria fora do mapa.

No entanto, ultimamente, quem mais se tem destacado no ataque, tem sido o Japão, nação que para realizar o seu programa de expansão, tem subornado com seu ouro os funcionários venais chineses, "os nacionalistas", e ocupado pelas armas, (com tacido apoio de Nankim), províncias inteiras do território chinês.

Porém, desde 1925, que uma nova força vem crescendo a sudoeste e a leste da China, a força comunista. Composta já de imensos territórios e com uma população de aproximadamente 700.000.000 de seres, a República Soviética Chinesa, é hoje um pesado

lo para os traidores do Poder Central, ao qual já por sete vezes esmagá as forças de repressão, em campanhas anti-soviéticas pelos imperia- listas ocidentais financiados.

É necessário que estejam aberta a este respeito, porque o governo salazarista não deixará de apoiar qualquer repressão ao desejo de libertação do povo chinês, tendo por protétto a defesa de Macau.

Nós comunista, frente ao problema da libertação de Macau não podemos esquecer

que, para nós, todos os povos têm a sua auto-direcção. Portanto devemos colocar as nossas palavras de ordem no sentido de:

Negação terminante ao cumprimento das ordens contra qualquer desejo de emancipação macaísta. Lutar sempre pró-libertação dos povos colóniais e semi-colóniais, do jugo imperialista nacional ou internacional, que nos explora.

Lutar pela defesa da China Soviética.

GES  
PCP

# FRENTE POPULAR

A

constituição da unidade de luta entre as forças proletárias e a pequena burguesia em Portugal, devidamente esclarecida pela nossa imprensa, não deixa de ser assunto de novos artigos, desde que ao conhecimento de cada indivíduo é traça pontos não focados.

A ofensiva fascista, dia a dia mais aguda pela sua política nefasta, transformando o país num vasto campo de miséria, era necessário opor uma Frente Única do anti-fascismo que, traduzindo o estado de espírito da maioria da população, destruísse dumavez para sempre essa ofensiva da alta finança.

Tomando parte activa nesse combate titânico, o Partido Comunista representa, sem desmerecimento para as forças organizadas da Frente Popular, uma forte falange revolucionária que há dez anos erguendo o seu braço e semeando

do consciência de classe para a luta final contra o capitalismo.

A sua missão tem sido cumprida com mais ou menos exactidão na ância de conquistar as massas que jazem hoje numa miséria cruejante, de lhes fazer sentir que é o fascismo o seu maior inimigo, de lhes apontar sem esquecer um ponto, a política feroz de terror a que tem submetido todo o anti-fascista e o país que procura dirigir.

A nossa aliança, devidamente esclarecida noutras artizações já publicados, não é o de um abandono da linha política da III Internacional mas sim a verdadeira senda esclarecida devidamente por Marx e concretizada com admirável clarividência por Lênin. Nós somos marxistas, queremos a sociedade sem classes e até lá não pararemos. Os operários - diz Marx - não têm a perder, nesta luta, senão as suas cadeias e em troca tem um mundo novo a ganhar.

Um partido forte, esclarecido no campo do marxismo-Leninismo vem dar à luta a sua direcção política e criar no seio da peque-

na-burguesia sempre hesitante, uma confiança na vitória que ela procura, embora com certo receio das nossas hostes.

Ho ligarmos as nossas forças com as dos pequenos industriais e camponeses arruinados pelo fascismo, não abandonamos de maneira nenhuma a nossa organização nem consentimos que se funda no seu seio.

Os nossos "quadros" continuam desempenhando o mesmo papel organizativo, educando os seus companheiros no espirito de luta de classes e firmando a cada momento as reivindicações proletárias que não estejam ligadas aos comprimissos tomados na Frente Popular.

A aliança dos camponeses com a burguesia liberal senão for controlada pelo Partido será passado tempo instrumento dos próprios aliados. Este ajudará os seus irmãos de classe a seguir a verdadeira linha revolucionária frente ao fascismo e a pequena-burguesia.

A luta que se travará

amanhã com a Reacção, lu-  
ta forte pela desagração que  
operará no campo da alta fi-  
nança, precisa ser contro-  
lada e guiada pelo proletá-  
riado com a formação não  
só de milícias obreiras mas  
com a sua linha política.

Cumprindo o programa  
da Frente Popular as massas  
operárias continuarão a exi-  
gir do governo novas rei-  
vindicações, dia a dia mais  
necessárias, até à con-  
quista integral do poder  
por intermédio dos soviets, an-  
tecedentemente organizados, e  
sobre os quais assentam as  
massas produtoras.

Como esta Revolução não  
será realizada por meia dúzia  
de indivíduos, mas pelas ca-  
madas populares desejosas  
de melhores dias, um re-  
forçamento de "comités de  
enlace" das forças anti-fas-  
cistas se impõe.

Na fábrica, no campo,  
no quartel ou no navio será  
nomeado democraticamente  
o organismo dirigente, pela  
massa que tomará parte na  
luta.

A propaganda da Frente  
Popular feita por qualquer  
comunista englobado

num "comité de enlace" não  
o inibe como acima disse-  
mos, de recrutar para o Par-  
tido novos elementos, e de es-  
palhar amplamente a nossa  
literatura e os nossos fins  
políticos e económicos.

As bandeiras que cada  
organização filiada na  
Frente Popular hasteava an-  
tes da sua constituição,  
as discordâncias ideo-  
lógicas que as diferen-  
cia são "guardadas" até  
à realização do progra-  
ma que colectivamente  
se tem em vista.

De ninguém se exige,  
nem se engrossar as fileiras  
do anti-fascismo, uma  
renúncia dos seus credos  
políticos.

A Frente Popular é  
pela Paz, pelo Pão e pela  
Liberdade!

Quem por estes prin-  
cípios procura lutar ca-  
be perfeitamente no seu  
seio.

Auxiliar o órgão da In-  
ter-Sindical, o "Proletá-  
rio" é lutar por uma am-  
pla Unidade - Sindi-  
cal.



# RACISMO

## Negação da Biologia

GES  
PCP



a História outorgava, alia dos ao retalhar política dos frios e indiferente à divisão povos, surgem das suas colónias — uma das por vezes in quais — a Silésia, plebiscitadamente divididos que, riammente pronunciou-se a seu favor — levaram-na a aceitar quem da posse das rédeas do se apresentasse prometendo a governo, de emancipação, numa fraseologia eretam e pro que também se adaptara ao pagam a seu espírito imperialista. expressão

E Hitler foi o sonhado condutor de povos.

deia contrária a toda a lógica baseada na experiência. Hitler — bastante ignorante mas a quem não se pode negar uma energia férrea — foi recebido no momento em que a Alemanha estrebuchava presa na malha da rede dos tratados de Versailles e Locarno. Sentia-se escravisada e sofria com a humilhação imposta pelos vencedores de 18. A sua arrogância abatida e a quasi exclusão de nacionalidade que a Europa sem a mínima parcela de comiserção pelos vencidos, lhe

E Hitler cumpre a sua promessa, rasgando os tratados, com a remilitarização da Renânia, e ameaçando os outros países com a boca dos seus canhões. Interiormente, segue uma política em tudo idêntica à do fascismo de Mussolini. Contudo, para satisfazer a vaidade de um dia figurar na História como criador duma ideia original, lança os alicerces do Racismo.

Fruto dum nacionalismo que ele não pode sentir por não ser alemão, o Racismo é a maneira de estrai

tar os caracteres duma raça até torná-las comuns.

Sendo os alemães, essencialmente guerreiros e imperialistas, é necessário, para servir os interesses dum Hitler, afastar elementos estranhos à raça ariana, para não influírem na modificação do seu carácter. Daí a sua perseguição aos judeus. Daí a sua lei de esterelização.

Hitler faz da ciência uma arma política, perseguindo com ela os que não concordam com a onda de barbarie que o império dos camisas pardas desencadeou sobre a Alemanha.

E essa onda rola, na sua passagem deixa fogueiras onde ardem os livros Reichstag; rola envulvida em sangue de milhares de anti-fascistas assassinados, alguns até no estrangeiro, só, porque se permitiram erguer a voz contra a infâmia à solta; rola e lança nos campos de concentração aqueles que a sua passagem furibunda arrebatou.

Do que resulta da sua ordem de idéas, como a fuga de capitais judeus para o

estranjeiro e a expatriação de mentalidades, como Einstein, só ele terá de prestar contas à economia e ao movimento intelectual da nação.

Sabem os cientistas, e sabemos nós por intermédio daqueles, que a junção de sangue com as mesmas características produz a degenerescência. Assim, as leis sobre o matrimónio seguindo este princípio baseado na Ciência, e não, como muitos julgam, na Moral, proibem as uniões entre irmãs. Entre primos já a lei não diz nada. Mas é do domínio público que os seus filhos são produtos fracos, chegando a padecerem de infantilismo, mongolismo, raquitismo, etc, etc.

Outro facto flagrante é o que acontece com as famílias reais. Evadas de preconceitos de não misturarem o seu sangue azul com o da plebe, estabelecem casamentos entre si, dando origem a degenerados que a História da Rússia, mais do que qualquer outra apresenta. O seu resultado, uma série de doenças, como a hemofilia (hemorragias sem causa aparente) pelo meio da qual Rasputin,



o monge maldito conhecendo o remédio para debelar essas verdadeiras sangrias e aplicando-o, com ótimos efeitos, no corpo do Frarvitch, alcançou o prestígio da influência nos destinos do Czarismo. É ainda essa doença que plageia o ex-herdeiro do trono espanhol, o duque de Coudonga.

Para terminarmos as confirmações que não constituem um estudo, visto omitirmos a maior parte dos exemplos e não ser esse o nosso objectivo, recordamos rapidamente que algumas raças de vida isolada se têm extinguido ou se encontram no estado de decadência total.

É este o lado negativo da questão. Observemos o positivo.

Tanto no reino vegetal como no animal, procura-se obter espécies perfeitas com o cruzamento de outras espécies; Assim, existe a enxertia, na Botânica; na secção zoológica, são mais apreciados, quer pela robustez quer pela beleza de que são dotados, os cavalos anglo-árabes, chama-

dos de pur-sangue, os coelhos que por sucessivos cruzamentos, se pretende tornarem mais perfeitos, etc, etc.

Já vão longas as considerações sobre o Racismo. Deixamos o que falta aos raciocínios dos que nos tem, para que combatam aquilo que, sendo o interesse dum só homem, vai contra a Biologia e, portanto, contra os interesses da Humanidade.

GES  
PCP

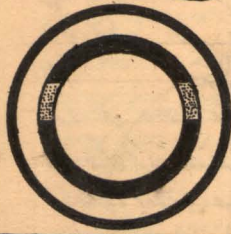
O Estado morre à medida que os capitalistas vão desaparecendo, à medida que não há mais capitalistas nem classes e, conseqüentemente, não há mais necessidade de esmagar nenhuma classe.

Mas o Estado não está ainda completamente morto, porque ainda falta salvar a "direito burguês" que consagra, de facto, a desigualdade.

Para que o Estado morra completamente, é preciso o advento do comunismo integral."

Lénine

# O ESTADO



Estado, essa máquina de complicada engrenagem que tem servido às classes dominantes para levar

rem a bom termo os seus dirigentes, teve, como tudo, o seu princípio. Ninguém melhor que Engels, nos explicou aquilo que o Proletariado com denodo, procura hoje destruir como coisa inútil e prejudicial.

Os homens primitivos viveram durante um certo espaço de tempo, isolados, isto é, sem procurarem a convivência dos seus semelhantes. Mas, evoluindo, os homens <sup>ao</sup> compreenderem que unidos melhor resistiam às feras. Passaram depois por vários estados de vida em comum até chegarem à sua organização de tribus. Durante muito tempo imperou o comunismo primitivo. Trabalhavam em comum. A Terra, o gado, as águas, etc, eram pertença da colectividade. Todos empregaram o seu esforço e todos usufruíam os mesmos direitos.

O conselho da tribo decretava a guerra e assinava a paz, e era composto pelos sagens e chefes da gens.

A gens ficavam ainda outros direitos e particularidades características — entre outras as de adaptação de um estranho na gens, e consequentemente na tribo, com os mesmos direitos que os outros, e da vendeta.



Mas o desenvolvimento da propriedade, o emprego dos prisioneiros de guerra no trabalho com escravos, o casamento das mulheres dentro da gens para que dela não saíssem as riquezas e mais tarde o direito paterno, foram a base sobre que se acentou mais tarde a propriedade individual.

De princípio o homem era apenas senhor dos instrumentos de trabalho, mais tarde foi-o dos gados, das terras e da nova fonte de riqueza — o escravo.

A abolição do direito materno dá a maior machadada

na organização e liberdade gentílicas. Marchou-se a passos largos para uma nítida diferenciação de classes.

O povo em armas foi substituído por uma guarda que não defendia já a segurança colectiva, mas a das se possuidora.

Entretanto na legislação surgem modificações. Apareceu o Estado.

Mas a influência da propriedade privada de que se começava a esboçar iniciou os alicerces da sociedade comunista primitiva.

A "gens" (querer dizer, geração), segundo Morgan, no qual se baseia Engels, teve a sua origem no casamento penalua e a sua importância na vida social gentílica foi grande.

Consideram-se parentes gentílicos todos os que tenham antepassados comuns. O conjunto destes parentes gentílicos formavam as gens.

E se na direcção destas células sociais chamemos-lhes assim, reinava uma ampla democracia, o mesmo sucedia em tribu, compostas de várias gens, e que ainda, por vezes, formavam federações como su-

cedia entre os iroquezes.

Nenhuma força além do poder moral do sagem, chefe da gens em tempo de paz, nenhuma força além da do chefe do comandante militar.

Para os homens como para as mulheres a faculdade de elegerem os seus dirigentes.

GES  
PCP

O estado é a arma que se serve a classe dominante para oprimir a classe dominada, diz-nos, Marx. Assim é, não sendo necessário grande exame para nos apercebermos disso.

E para a distinção do Estado actual, do Estado capitalista, que o Proletariado sob a direcção da I.C. luta e lutará até à consumação do seu desejo. Mas o Proletariado, ao mesmo tempo que luta pelo derrubamento do Estado burguês, luta também pela instauração do Estado Operário e Camponês e por consequência da classe dominante, da classe operária sobre a classe burguesa. Parecendo à primeira vista que o Estado neste caso apenas mudou de mão, tal não sucede, pois enquanto o Estado capitalista existe e luta para

que subsistam as diferenças de classes o Proletariado existe e luta pela supressão dessas classes. O Estado Proletario luta assim pelo seu proprio desaparecimento, pois uma vez suprimidas as classes ele não terá mais razão de existir. Na U. R. S. S., grande parte do caminho foi já percorrido nesse sentido. Há cabo de quasi duas dezenas de anos de dominio do proletariado, a classe capitalista espira na sexta parte do Mundo. O Proletariado russo vai tocando os umbrais da sociedade

Comunista. Porém muitas dificuldades tem que vencer ainda. Não são vinte anos que conseguem destruir o espirito duma época que durou séculos. Os residuos morais dessa época estão ainda latentes na consciencia de muitos homens. E contra esses residuos no interior e contra o imperialismo capitalista no exterior que se dirige toda a politica Sovietica, que consiga os seus fins, do que nós estamos certos, eis o que melhor podemos desejar a esses nossos irmãos. Lutemos como eles, pela nossa victoria.



# MOVIMENTO

## INTELLECTUAL CHINÊS



ado o movimento historico tem a sua base nas condições economicas em que assenta a sociedade que serve, não se desviando um passo da linha que os interesses da classe dominante requerem. Assim, pois, o desenvolvimento intelectual da idade média não era senão a tradução da barbarie sangrenta de lutas feudais, guerra, à cavalaria e aos homens que partiam em busca de glórias; ao mesmo tempo uma filosofia escolástica, representativa do espirito religioso, deturpou todo o desejo dos que, naquela época, procuravam dar à ciência uma base verdadeira, consolidada pela experiencia e pela observação. A arte, perdeu-se na construção de templos, em diversos tipos, na pintura de imagens religiosas e de vidros decora-

tivos que serviam de ornamento com 90.000.000 (noventa milhões) às igrejas e catedrais. de habitantes que vivem em re-

A sociedade feudal, tendo o gimen soviético, tem um caracte-  
em si o germen da sua contra- rístico movimento intelectual  
dição — a burguesia — sofreu os que sendo como todos os mo-  
embates adversos desta classe, vimentos deste genero no Mun-  
que embora ainda em em- do capitalista, representa  
briaõ, eriou tambem o seu mo, um cenário das classes em  
vimento intelectual, movimen- luta.

to ascendente que definitiva- O imperialismo lança os  
mente se consolidou com a povos para a mais objecta  
Revolução Francesa. ignorância e terrivelmente o

Em vez do hino feudal, sem caracter patriótico, em pressor não permite as ma-  
vez das canções de "escarnos nifestações espirituais hos-  
e mal dizer" surgiu a "história" tis aos seus interesses.

movimento espiritual de cara- Entre nós é bem visível  
cter critico que exaltou, como a decadência literária, pois  
sucede em nossos dias, os feitos enbarafados os espiritos no mais  
dos que viviam não em feudas estúpido nacionalismo na da  
mas em nações independentes pode produzir além do de-  
cantado amor à Pátria, ao Mar-  
tes. A poesia deu-nos "Os Lusia- e a Deus, coisas que servem per-  
dos", versos de amor e saudade feitamente o movimento econó-  
num característica miscel- mico das oligarquias finan-  
lânea. ceiras.

Ninguém divida, depois A repressão imperialista  
duma análise à História, que na China aguçada com o a-  
todas as classes, quer sejam gravamento da crise, criou  
dominantes ou dominadas, são para os intelectuais uma caõ-  
acompanhadas dum movimen tica situação.  
to literário, artístico, filosofi- É que eles são, já anterior-  
co, científico e tecnico. mente dissemos, o reflexo de

A china, país entregue todas as formas e feitos  
hoje aos imperialismos nipõ da infra — estrutura so-  
nicos, Inglês e Americano, e cial.



Servindo uma burguesia plena de vigor, o intelectual dá aos seus escritos as mais diversas e características formas de investigação busca o que para ele há de mais nobre e eria, um movimento artístico, filósofo e científico, como o que fez a glória do século XIX.

Assim, pois, os professores e estudantes chineses, fortemente agitados pela situação que "goza" o seu país sob a pata do imperialismo, compreendem que só a ele se deve a miséria, o luto e a dor que lançada.

Os estudantes têm representado no Extremo Oriente um alto papel revolucionário. Fraternalmente unidos aos operários, são os primeiros arautos da Revolução Comunista e representam-na com destemido orgulho e com altaneira coragem.

Com armas, com greves, com manifestações intelectuais juvenis da China, têm oposto uma barreira, ou melhor, têm combatido com valentia nomeadamente o imperialismo ni-

gônico. Quando em 1925 os operários chineses declararam a greve geral e lutaram contra os seus exploradores, iniciando um movimento que fez temer a burguesia, depois dos japoneses terem assassinado cobardemente alguns trabalhadores, os estudantes lançaram-se em ruidosas manifestações de protesto, que lhes custaram algumas baixas e muitos encarceramentos.

A conquista da Mandchúria pelos japoneses, a traição do general Chan-Hai-Chek, o agravamento do despotismo imperialista, agitam e rebelam as camadas estudantes, desejosos de darem à China a sua integral emancipação.

Depois da Revolução de Outubro na Rússia, estes começaram a notar na grande Pátria dos Trabalhadores, uma defensora entusiasta dos seus humanos ideais e dedicaram-se de alma e coração ao estudo do Marxismo, trocando a Bíblia fornecida pelos seus "amigos" americanos por obras que revolucionariamente os educassem.

As fronteiras deste grande das Universidades So-  
país estão abertas para os es- viéticas e muito revolucioná-  
tudantes chineses que na riamente, enquanto na Alemanha  
mais fraternal atmosfera nha são escorraçados e redi-  
aprendem a lutar pela vulgarizados.

# Emancipação

GES  
PCP

**A** luta contra os costumes às mulheres os mes-  
mes e crenças reli- mos direitos que gozavam  
giosas, ocupam na as mulheres na União das  
história da Revolu- Repúblicas Socialistas So-  
ção Russa um lugar viéticas. Mas muito tempo  
tão importante, se passou sem que esses  
que descreve-lo com direitos podessem ser goza-  
precisão é coisa difícil. Foi e con- dos sem perigo. Para con-  
tinua sendo uma luta de mor- quista-las as mulheres ti-  
te entre famílias embrutecei- veram que lutar contra os  
das pelo fanatismo. Para elas a dogmas" e isso custou muito  
Revolução Russa é obra do "Dia- sangue. Ainda em 1926 signi-  
bo" e aí daquele ou daquela ficava a morte para a mu-  
que contraponha ao seu fana- lher o sair à rua sem veu-  
tismo os resultados irrefutáveis ou falar com homens estra-  
da Revolução Russa. O Estado nhos. Deitava-se água a fer-  
Soviético tem contado com verda ver para cima das estudan-  
deiras vontades femininas pa- tes, rompiam-se os seus ves-  
ra reunir resistências no inte- tidos e arrastavam-nas nuas  
rior da U.R.S.S. As jovens pelas ruas.  
comunistas defendem com Em 1928 teve lugar o  
ardor a causa da sua e- último e grande sacrifício  
mancipação, deixando-se em Azerbaidjão. Uma jovem  
massacrar por ela de 20 anos, Sirial Hatívia,  
A Revolução que triun- deu a sua vida para a liber-  
fou em Azerbaidjão conce- dade de suas irmãs.

Deu-a voluntariamente, por-theres e em volta dele hou-  
 que não ignorava o perigo ve durante a noite e o dia  
 que corria, indo ao teatro só uma guarda de honra  
 sinha e sem véu, subiu à tri composta de mulheres de  
 buna e falou em público, pu- todas as idades que segui-  
 blicou nos periódicos murais ram o exemplo de Sirial.  
 dos estudantes, artigos infla- Conseguiu-se que os assassi-  
 máveis reivindicando o direi- mos, fossem castigados com  
 to das mulheres ao trabalho, todo o rigor da lei, e as mu-  
 o direito de escolher seu ma- lheres foram aderindo ao  
 rido, direito a viver a sua vi- movimento libertador em  
 da livre e finalmente vestir número cada vez maior  
 um maillot de banho e ex- desde aquele dia em que  
 pôr seu jovem corpo na praia uma jovem lançou as bases  
 do Baku. de emancipação

A jovem Sirial, cujo sacri- **GES**  
 fício ficou gravado na his- **PCP**  
 tória da Revolução, foi as- não estão porém venci-  
 sassinaada. A sua própria dos todos os atrasos de cons-  
 família a condenou a uma ciência a-pesar dos enormes  
 morte dolorosa e sangrenta. esforços dispendidos pelo  
 Estado Soviético.

Sirial foi arrastada por um Das muitas adões diá-  
 grupo de famílias furiosas. rias do movimento Kalkosia  
 Seu pai e seus irmãos foram no, registam-se casos com  
 os carrascos, porque ela ha- características importantes  
 via - segundo o fanatismo como estes: um grupo de  
 da sua família - traído a camponeses dispunham  
 vergonha e a desonra para dumalarga facha de ter-  
 o lar. reno que era pertença co-  
 mum. Uns manifestaram

Mas a morte desta he- vontade de ingressar nas  
 roica jovem marcou o pon- Kolkoses outros opuseram-  
 to de origem da reacção fe- -se terminantemente. Como  
 minina em Azerbaidjão. O resolver a questão se a  
 cadáver mutilado foi le- maioria queria aderir?  
 vado para o Club das Mu-



